

## **Não à Desigualdade de Gênero e Raça. Pesquisa e Política de Igualdade na UnB.**<sup>1</sup>

Lia Zanotta Machado

Sinto-me honrada de ter sido convidada para realizar esta conferência e este diálogo com todas, todos e *todos* vocês que me ouvem neste dia 8 de março que se comemora o Dia Internacional da Mulher e neste ano em que se comemoram os 60 anos da Universidade de Brasília. Sou antropóloga e feminista.

Particpei de larga parcela da história dos 60 anos da UnB. Vim para a UnB em setembro de 1977 como professora colaboradora no Departamento de Ciências Sociais. Em 1986 criamos duas professoras da antropologia, Mireya Suarez e eu, duas professoras do Instituto de Letras; Lucia Sandes e Ana Vicentini e uma professora de Biologia, Dóris Santos de Faria \_o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher (NEPeM) junto ao recém-criado Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares. O convite da pesquisadora e ativista negra Lélia Gonzáles para debate na UnB em 1986 e o convite como professora visitante de Ângela Gillian, antropóloga negra estadunidense em 1993 e 1994 apontavam a importância da interseccionalidade de gênero e raça para as ciências sociais da UnB. Criamos disciplinas de *Antropologia da Mulher*, *Antropologia do Gênero* e *Sociologia do Gênero*. Estudos de gênero foram criados no Instituto de Letras, na História e no Serviço Social. Recentemente na Ciência Política e no Direito.

O primeiro chamado da Administração da UnB sobre a questão da desigualdade de gênero veio estimulada pelo então governo do Distrito Federal que em 1993 solicitou a UnB estudos e pesquisas sobre violência sexual contra as mulheres. Foi aí que as pesquisadoras do NEPeM, dentre elas Mireya Suarez, Lourdes Bandeira, Rita Segato e eu iniciamos ampla pesquisa coletiva com apoio de inúmeros e inúmeras estudantes graduandos e pós-graduandos. Sobre violência contra as mulheres, políticas de segurança e saúde. A professora Tania Montoro da Comunicação realizou pesquisa sobre violência na imprensa.

Desde os anos oitenta, orientei pesquisas de graduação sobre relações de gênero na Universidade. Lembro que me surpreendi com as relações violentas e discriminatórias encontradas de namorados contra namoradas. Na sala de aula, foram revelados os fortes estereótipos de gênero entre estudantes entre si e entre professores e estudantes nas áreas das ciências exatas, como a engenharia, mas foram revelados também estereótipos em salas de aulas no campo das ciências humanas.

O assassinato (hoje feminicídio) da aluna do sexto semestre de Letras da Universidade de Brasília (UnB), Thaís Muniz Mendonça, pelo ex-namorado e estudante de Sociologia da mesma universidade, Marcelo Bauer, em 1987 alcançou espaço na mídia e causou um enorme impacto na universidade, mas pouca movimentação de prevenção e enfrentamento à violência.

Foram os trotes com elementos misóginos e homofóbicos que trouxeram a visibilização da discriminação de gênero no espaço universitário nos anos

---

<sup>1</sup> Excertos da Conferência do dia Internacional da Mulher referente à *Política de Igualdade de Gênero na UnB: trajetória, desafios e perspectivas* em 08 de março de 2022 pela Professora Emérita da UnB, Lia Zanotta Machado.

2000. Em 2004, houve a movimentação de professores e estudantes pelas quotas raciais e étnicas implementadas na UnB em 2004. Dava-se o aumento da percepção dos direitos à diversidade racial, sexual e de gênero.

As quotas raciais e étnicas impactaram positivamente na heterogeneidade de raça, gênero e classe dentre os estudantes universitários da UnB, e mais amplamente em outras universidades pela Lei de quotas de 2012. Depois da crescente legitimidade da defesa dos direitos à diversidade racial e de gênero, passou a existir um clamor por uma política de prevenção da violência e da discriminação. Em 2012, a administração da UnB proíbe os trotes com discriminação e violência. Em 2013 é criada a Diretoria da Diversidade.

Os anos de 2014 e 2016 foram marcantes. As estudantes de Ciências Sociais conformaram o Coletivo Afetadas fundado em 2014, após uma carta chegar ao Centro Acadêmico de Sociologia com o relato de uma estudante de Ciências Sociais de um estupro cometido contra ela por um estudante do mesmo curso. Em 2016, Louise Ribeiro, de 20 anos, estudante de biologia foi morta com requintes de crueldade dentro de um laboratório do Instituto de Biologia, pelo ex-namorado também estudante de Biologia da UnB, Vinícius Neres. As estudantes de biologia criaram então o Coletivo Ipê Rosa.

Os dois coletivos de estudantes mulheres: Afetadas e Ipê Rosa são analisados na monografia de graduação em antropologia de 2018 de Isabela Livingstone dos Santos intitulada *Feministas sem saber*. Isabela cita integrante do Coletivo Ipê Rosa: “não podemos esquecer isso, porque a gente precisa estabelecer caminhos para que as mulheres consigam se formar sem sofrer danos psicológicos, sem assédio e violência sexual porque as mulheres têm sido violentadas, assediadas e precisam se esconder, enquanto a Universidade não tem uma estrutura para lidar com isso”.

Em 2017 é criado o Conselho dos Direitos Humanos da UnB. Em 2019, por iniciativa da Diretoria da Diversidade foi aprovada resolução que normatiza o uso do nome social para identidade de gênero para LGBTI+a.

Em 2022 temos a atual proposta de Políticas de Prevenção e enfrentamento da violência contra as mulheres e a atual proposta de Prevenção e Combate ao Assédio Moral, Sexual, Discriminações e Outras Violências”.

Quero parabenizar a administração da UnB pelas duas propostas. Especialmente dirijo meus parabéns à Diretoria da Diversidade e à Coordenação da Mulher pela proposta com clara perspectiva de gênero, raça e diversidade sexual construída a partir de ampla participação da comunidade universitária.

No Dia Internacional dos Direitos das Mulheres, não podemos deixar de clamar pelo fim do autoritarismo na política nacional, pela igualdade de gênero e pelo fim das masculinidades tóxicas para que possamos bem viver e conviver dentro e fora do campus universitário.